

CORREIO BRAZILIENSE

18 JUL 1998

CONTRASTES DESMEDIDOS

Josaphat Marinho

Em visita ao Brasil, esta semana, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, observou e comparou os contrastes de nosso desenvolvimento. São Paulo tem economia de uma nação forte; enquanto no Nordeste "existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África". Se o Plano Real e o processo redutor da inflação representam "salto extraordinário", as desigualdades sociais são "dolorosas", retratadas, entre outros quadros, nas favelas do Rio e nos meninos de rua. E acentuou que estes perambulam, ignorantes, em torno de "araranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias". A riqueza de parêntese com a pobreza máxima. A grandeza ao lado da miséria.

Note-se que se trata de uma visão parcial de nosso drama. Não teve oportunidade o delegado da ONU de aprofundar-se no conhecimento de nossas disparidades, ao longo do país. Auto-estradas aqui, crateras ali. Hospitais de luxo em grandes centros, absoluta falta de estabelecimentos de socorro em múltiplas partes de vários estados. Escolas equipadas de computadores e aparelhos de televisão e tantas outras sem assentos adequados para os alunos, e até sem nenhuma cadeira. Inexistência de biblioteca num sem-número de cidades, como de centros de cultura que aproximem as pessoas e lhes aperfeiçoem a mentalidade, com a leitura, a arte e o lazer.

Essas e outras dessemelhanças se reproduzem no território nacional, marcando, também, o desequilíbrio da estrutura federativa. Se a extensão do país e a diversidade de suas regiões reclamam a convivência em Federação, nem



Arte: Chico Régis

por isso são adotadas as medidas próprias para mantê-la forte. Não há real entrelaçamento entre os estados, nem entre os municípios, quer para a defesa de interesses comuns, quer no sentido de realização de serviços interligados, ou de alcance regional. São comparativamente poucos os convênios estabelecidos no propósito de facilitar empreendimentos e reduzir despesas. Falta o espírito associativo, tão útil à vitalidade de uma Federação de tal dimensão e com

tamanhas diferenciações.

Mesmo diante de dificuldades financeiras, como as experimentadas agora, não se unem nem se entendem estados e municípios para pleitear reforma tributária objetiva e justa. Em consequência desse desajustamento, salvo algumas unidades federadas, a maioria sacrifica obras e serviços, e até a situação de seus servidores, por deficiência de recursos financeiros. A própria União se ressentida de orientação correta, talvez por ausência de pla-

nejamento adequado, a ponto de permanecer por quase quatro anos, como no atual governo, sem conceder qualquer melhoria a seus servidores. Pior de tudo é que essa desarticulação desfigura o sistema federativo, inclusive deixando estados e municípios, com frequência, na condição de dependentes de favores do governo federal. E daí resultam efeitos políticos, prejudiciais à autonomia das entidades componentes da Federação.

Em face dessas distorções institucionais, avultam os obstáculos para que se corrijam as desigualdades existentes. Não é fácil ao cidadão aceitar que o governo acumule reservas de milhões de reais e declare não ter receita suficiente para os serviços de saúde ou de repavimentação das rodovias. A demora na retomada do desenvolvimento econômico enfraquece e destrói empresas, agravando o desemprego. Os juros altos perturbam a economia geral. Se a lógica dos programas, porém, entra em conflito, por algum tempo, com as necessidades da vida, esgota-se a tolerância coletiva.

Diante das desigualdades subsistentes e das restrições econômicas estabelecidas e prolongadas, já é hora de acudir à angústia de tantos brasileiros. Se recursos apareceram, neste período eleitoral, para concessão de vantagens há muito devidas a servidores, outros meios não de surgir a fim de atender melhor aos serviços essenciais, que amparam a população. Enquanto não sobrevém um regime de planejamento justo, haja pelo menos forma de atenuar os sofrimentos mais graves dos de maior pobreza.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia